

O PERGUNTAR E A RESPOSTA

Podemos perguntar: **O que é** *Contemporaneidade e Eros in Vivo*? E obteremos uma resposta. Mas podemos perguntar: **O que é isso** – *Contemporaneidade e Eros in Vivo*? E encontraremos uma abertura, um seguir e, quiçá, o esplendor do desvelamento, que se dá por graça, por dádiva, nunca por mérito.

No primeiro caso, poderíamos definir *contemporaneidade* como aquilo que está junto com seu tempo e traz consigo, simultaneamente a tensão, as benesses e a complexidade desta realidade e *Eros in Vivo* como o amor em ato. No segundo caso, esta pergunta nos traz uma **imagem**, expressão que tem o poder de revelar, e um **juízo**, aquilo que tem o poder de interpretar o que emerge a partir do que foi questionado. Assim, o simples acrescentar <<o que é isso? >> impulsiona um processo de descoberta, de encontros sucessivos com novas verdades, que podem ser exploradas através de duas palavras e questões: i. <<*objeto* | o que faz que a coisa que é: seja?>>; ii. <<*essência* | do que se trata este ser que é?>>.

Contemporaneidade é um termo que veio a existir no século XVII, quando o poder da razão passou a dominar o pensar humano e duas rupturas epistemológicas já haviam ocorrido: o afastamento do ser humano da alma e do espírito. É uma marca da contemporaneidade a hegemonia da razão e a redução da realidade a um ou, no máximo, a dois níveis de realidade: o macro físico ligado aos órgãos dos sentidos, a processos sensoriais e o micro físico, ligado aos processos racionais, emocionais e psíquicos. É óbvio que estas rupturas tiveram consequências para o destino do homem no planeta e tingiram sobremaneira tudo que se relaciona à conexão com a imagem icônica Eros legada à sociedade ocidental pela Grécia antiga.

Nesta tendência reducionista, o corpo passa a ser usado prioritariamente como superfície de prazer e os processos mentais, emocionais e psíquicos se tornaram um campo de fácil manipulação científica, econômica, política ou social. Em uma certa medida, neles a revelação do humano foi ocultada. Neste jogo frio, calculado, as pessoas se tornam *subjectum*, no sentido de estarem submetidas a mecanismos de poder arditamente arquitetados para serem operativos nas questões relacionais, inclusive aquelas da contemporaneidade e *Eros in Vivo*. O grande prazer, alegria, descarga de tensões que este vínculo proporciona passa a ser bem explorado pela ganância e inescrupuloso marketing de alto profissionalismo que se pronuncia como força e tirania na contemporaneidade. Isso está longe do desfrute necessário e benéfico que estes dois níveis trazem à experiência íntima de cada indivíduo e ao coletivo social.

Igualmente, no que tange viver Eros na contemporaneidade, a circulação intensa de informação e a espetacularização dos acontecimentos da vida, disponíveis mais e mais e de fácil acesso a qualquer momento, favorecem o “desfrute” da vida eroticamente experimentada e dificultam a diferenciação do que faz sentido daquilo que é dissimulado ou enganoso. E mais: impedem o sentir o **que**, se preciso disso e **em que medida**. Esse fato traz sobre a mesa da *Contemporaneidade e Eros in Vivo* a questão da *quantidade* e da *qualidade*. Existe a possibilidade de algo novo, de uma balança? Como isso se daria? O que a constituiria? Será ela solitária, solidária ou coletiva? A decisão face ao novo se inicia com um posicionamento, uma mudança de intenção e de atitude.

Quero ir na direção desta transformação? Este movimento é individual e, quiçá, com reflexo no coletivo?

Dar-se conta do <<O que é isso – *Contemporaneidade e Eros in Vivo*?>> é ter a capacidade de ver um sistema instalado; encontrar as estratégias para dele compactuar ou não e em que medida; compreender como ele se insere no fluxo contínuo de mudanças; transatravessar a miopia pessoal ou coletiva, seja ela de conhecimento, de condicionamento a hábitos já caducos e que não mais servem. E mais, é também ter a capacidade de nos abirmos, para acessar, para escutar, para sermos surpreendidos por algo que fale com simplicidade, generosidade e bondade à nossa natureza do humano que somos e do humano que é.

Este movimento transformador é criativo por natureza e estabelece novas trocas, sejam as que fazemos conosco, com o(s) outro(s) e com o que nos rodeia. Ele tem um <<**caráter discreto**>>, isto é, ele é lento, quase invisível, imperceptível e acontece quando um todo na nossa interioridade fala *basta*, se dispõe e se põe em ação-mudança enfrentando inúmeras resistências instaladas desde há muito em nossa *estrutura e script* e de como outras pessoas já calcificaram as próprias visões em relação a nós. Ele também tem um <<**caráter repentino**>> quando, sem mesmo podermos identificar como, após uma quantidade necessária de forças serem acumuladas, ele irrompe como fato consumado.

Em que momento a relação <<*Contemporaneidade e Eros in Vivo*>> passa por uma metanoia dentro de cada um de nós? Ela surge sem anular algum nível de realidade? Como e quando ela é compreendida e entendida em sua inteireza, com presença e pertencimento, sem ilusões, sem transferências e sonegações?

Em sua expressão mais alta este momento, que até poderia ser imaginado como silencioso, secreto, sagrado, acontece no quente da existência e levam à experiência do que Heidegger nomeia de **arrebatamento extasiante**, que suspende o tempo e de **arrebatamento fascinante**, que suspende o espaço. No seu **caráter discreto** eles são vividos no encontro amoroso, seja no nível macro ou micro físico; na fertilização cruzada de ideias e no exercício do pensar-dádiva; na nutrição contínua e fecunda recebida através de símbolos, mitos, arquétipos, arte de alto teor vibracional ou *n* percepções sutis do Real que podem acontecer em momentos de meditação, contemplação, de ser Um com a Natureza ou no silêncio. No seu **caráter repentino** abundam relatos em poemas, cânticos, imagens de mulheres e homens que viveram estes arrebatamentos e de como, em seguida, ao saírem deste arrebatamento, com humildade <<dão as costas ao sol para servir>>.

Faz parte do saber comum que ao nascer somos todos, fatalmente, ejetados em uma <<epoché>>. Esta em que vivemos, entre muitas outras características, carrega na sua relação com *Eros in Vivo* a experimentação sexual aberta, presencial ou virtual; a liberação de gênero; a redução da multidimensionalidade da realidade; a transitoriedade, incerteza e impermanência; a desconexão com o perfume que nos lembre do Real. Contudo, sempre temos a opção de estar em uma <<epoché>>, mas de não sermos ela. Soa Drumond: ...

*Mundo, mundo, vasto mundo,
Se eu me chamasse Raimundo,
Seria uma rima, não uma solução,
Mundo, mundo, vasto mundo,
Mais vasto é o meu coração.*